

---

MARÍA MERCEDES CARRANZA

Colômbia

## «Alguém se salva ao escutar o rouxinol»<sup>1</sup>

123

---

**S**into-me tentada a começar com uns versos de Nicanor Parra:

Ainda vivemos num bosque  
Não ouvís o murmúrio das folhas?  
Porque não me dizeis que sonho  
O que digo deve ser assim  
Creio que tenho razão  
Eu também sou um deus à minha maneira  
Um criador que não produz nada:  
Dedico-me a bocejar embuste  
E a fúcsia parece bailarina

Gosto destes versos porque falam da poesia e do poeta como eles são: tudo e nada. Pergunto: «Há alguma coisa

---

<sup>1</sup> Palavras pronunciadas na abertura do III evento de *Tem a palavra a poesia*, Cartagena, 6 de Setembro. Texto publicado em *Revista Casa Silva*, nº 5, Janeiro de 1992.

mais gratuita do que o acto poético? há actividade mais irrelevante do que escrever um poema? Palavras ao vento. Mas, cuidado! Podem enunciar-se qualidades mais excelsas de uma ocupação e da essência dessa ocupação do que dizer que não têm fins, ou seja, que são muito mais do que um calculado jogo de possibilidades mensuráveis pela sua utilidade para determinado propósito? A poesia é um salto no vazio e um acto de gratidão que, ao sê-lo, excede todos os fins. É por isso que para mim a poesia pode ser a maneira de tomar um banho interior de beleza de vez em quando, a si talvez lhe sirva para afastar penas de amor, ao seu vizinho para descansar aos domingos à tarde e ao meu para se conhecer a si mesmo, como pedia o filósofo grego.

E o poeta é aquele que fala de paraísos perdidos ou de paraísos por chegar ou que nunca chegarão e a sua soberba criação bem pode servir absolutamente para nada, porque, no fim de contas, a única coisa que ele faz é atirar palavras ao vento. Mas, de novo, cuidado!

Atirar palavras ao vento pode ser o exercício absoluto da liberdade, porque não há condicionamentos, nem requisitos, nem fronteiras que impeçam que essas palavras aterrem nos ouvidos e nos corações daqueles que queiram regozijar-se ou desgarrar-se ou encontrar-se ou inquietar-se ou assombrar-se com as palavras e com o que elas revelam.

Reunimo-nos aqui esta noite para isso: simplesmente para nada ou simplesmente para tudo: «alguém se salva por escutar o rouxinol», escreveu o poeta Giovanni Quessep. Um rouxinol? Ter-se-á visto coisa mais fútil, ociosa e desimportante? Mas, de novo, cuidado!: O canto do rouxinol pode «fundir o coração dos homens e fazer ferver o seu sangue». Pode levá-los a cometer actos de amor, de solidariedade, de justiça.

Ouçamos o rouxinol, pois precisamos de toneladas da alegria, da beleza e da paz que o seu canto transmite. Porque se é verdade que nós, colombianos, atravessamos hoje um período de esperança e optimismo, graças a mudanças fundamentais na vida nacional durante o ano passado, também não é mentira afirmar que tudo continua na mesma. Continua a violência em todas as suas horrendas manifestações: os massacres, os sequestros, os assassinios, os atentados contra a riqueza nacional; continua a impunidade e continuam também aí os camponeses sem terra e sem saneamento básico, os operários sem trabalho e os pobres envergonhados da classe média subjugados à magra provi-

dência do orçamento público. E perante eles, continuam a demagogia e a irresponsabilidade da classe política, a corrupção administrativa e a pressão de poderosos interesses económicos que imobilizam a acção do Estado.

Porquê então o optimismo?: porque as mudanças aconteceram, é verdade. Mas até ao momento só se deram no terreno formal. Temos uma nova Constituição que, se se aplicasse cabalmente e com um sentido de projecto colectivo, faria da Colômbia um país onde seria possível viver e conviver. Mas dois grandes perigos espreitam a Constituição: que fique apenas no papel e que se interprete ou se lhe dê um desenvolvimento normativo acomodaticio e contemporizador para tudo continuar na mesma. Impedir que isto aconteça não é tarefa só de um governo ou de um grupo de políticos: é tarefa de todos e de cada um dos colombianos. Por isso, atrevo-me a pedir a todos vós esta noite, a vós que vistes aqui para escutar palavras de amor, de justiça, de vida, de solidariedade, de amor, a pedir que leiais com cuidado e que estudeis a nova Constituição. Nela estão, asseguro-vos, os princípios, os instrumentos e os mecanismos para salvar a Colômbia do abismo. Mas nada poderemos exigir se não os conhecermos e se não estivermos decididos a fazê-los aplicar e respeitar.

E se este novo pacto social ficar em nada, se conseguirmos apenas a proeza que Lampedusa enunciou de «mudar algo para que nada mude», estaremos a dar forma todos nós, com o nosso desmazelo e a nossa cegueira, a outra grande frustração nacional, cujas consequências serão catastróficas para a alma dos colombianos.

Muitos de vós estarão a perguntar-se a que vem tudo isto num convite para ouvir poesia. Talvez eu deva uma explicação se a que dei no início destas palavras não bastou. Acontece que sou de estirpe platónica e que isso me levou a acreditar num princípio que fundamenta a minha insubornável vocação pela poesia: considero, de acordo com Platão, que a beleza equivale à verdade e que é pelo amor, pelo amor a um homem ou a uma mulher, que chegamos ao conhecimento, à sabedoria.

E a poesia, entre várias outras coisas, é em essência beleza e amor. E por isso a sua fruição deve fazer-nos melhores. Mas não chega sermos melhores ou termos a verdade e a sabedoria se não as pusermos ao serviço de alguma coisa. E essa coisa deve ser hoje, para todos os colombianos, edificar uma sociedade mais justa sobre os

escombros e os mortos da nossa dramática vida colectiva. Cada um da forma que puder e até onde puder. Os poetas darão a sua contribuição, oferecendo beleza com as suas palavras e revelando a verdade nessa beleza. ■

*Tradução de Graça Capinha*